

GEOFF DYER

# Todo aquele jazz

*Tradução*

Donaldson M. Garschagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1991, 1996 by Geoff Dyer

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

But Beautiful

*Capa*

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

*Foto de capa*

*Foto da p. 13*

Henry “Red” Allen, Ben Webster e Pee Wee Russell. Ensaio para o programa de televisão *Sound of Jazz*, Nova York, 1957; foto de Milt Hinton, © Milton J. Hinton Photographic Collection, [www.milthinton.com](http://www.milthinton.com)

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Dyer, Geoff

Todo aquele jazz ; Geoff Dyer Tradução Donaldson M. Garschagen. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: *But Beautiful : A Book About Jazz*

ISBN 978-85-359-2270-7

1. Ficção musical 2. Jazz - Ficção 3. Músicos de Jazz - Ficção  
I. Título.

13-03869

CDD-823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção biográfica : literatura inglesa 823

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

*Nos dois lados da estrada, os campos estavam tão escuros quanto o céu noturno. A região era tão plana que, se alguém a olhasse do alto de um celeiro, avistaria os faróis de um carro como estrelas no horizonte, aproximando-se durante uma hora antes que as lanternas traseiras, rubras, virassem devagar, como um espectro, em direção ao leste. O único som que se ouvia era o ronco contínuo do carro. A escuridão era tão uniforme que o motorista deu consigo pensando que não existia estrada alguma até que os faróis ceifaram um caminho no trigal que se contorcia, teso, no facho luminoso. O carro era como um trator de neve, empurrando a escuridão para os lados, abrindo um caminho de luz... Sentindo os pensamentos devanearem e as pálpebras ficarem pesadas, ele piscou com força e esfregou a mão numa perna para permanecer acordado. Mantinha uma velocidade constante de oitenta quilômetros por hora, mas a paisagem era tão ampla e monótona que o carro mal parecia se mover, como se fosse uma nave espacial avançando lentamente rumo à Lua... Seus pensamentos vaguearam de novo, como num*

*sonho, e ele achou que talvez pudesse arriscar-se a fechar os olhos por um simples segundo prazeroso...*

*De repente, o estrondo da estrada e o frio da noite encheram o carro e ele se sobressaltou ao perceber que estivera a um triz de dormir. Daí a segundos um vento frio como cascalho tomou conta do carro.*

*— Ei, Duke, feche a janela, meu sono passou — disse o motorista, lançando um olhar ao homem que estava no banco do passageiro.*

*— Tem certeza de que está bem, Harry?*

*— Estou, estou...*

*Duke odiava o frio tanto quanto ele, e bastou essa garantia para que levantasse o vidro da janela. Com a mesma rapidez com que esfriara, o carro começou a esquentar de novo. O calor seco que se desfrutava num carro com as janelas fechadas era o tipo de aquecimento que ele mais apreciava no mundo. Duke sempre dizia que a estrada era o seu lar, e, se isso era verdade, então o carro era a sua lareira. Sentar-se no banco da frente, com o aquecedor no máximo e a paisagem fria passando lá fora — para os dois homens isso era como sentar-se em poltronas num velho chalé e ler livros ao pé da lareira, num dia de nevasca.*

*Quantos quilômetros já teriam viajado juntos daquele jeito?, pensou Harry. Um milhão? Somando-se a isso as viagens de trem e avião, era provável que a distância chegasse a um número equivalente a três ou quatro voltas em torno do planeta. Era bem provável que não existissem no mundo outras pessoas que tivessem passado tanto tempo juntas ou viajado para tão longe, talvez milhares de milhões de quilômetros. Ele tinha comprado o carro em 1949, pretendendo apenas dar umas voltas nas imediações de Nova York, mas logo estava transportando Duke por todo o país. Por várias vezes tivera vontade de registrar num caderninho o tanto que haviam viajado, mas sempre acabava conjecturando que gos-*

taria de ter feito isso desde o começo, e assim, a cada vez que pensava naquilo, desistia da ideia e passava a calcular vagamente distâncias cumulativas, lembrando-se dos estados e cidades por onde tinham passado. Aliás, era isso mesmo o que faziam — na verdade não visitavam lugar nenhum, só passavam pelos lugares, às vezes chegando a uma apresentação isolada vinte minutos antes de seu início e pegando a estrada de novo meia hora depois de terminada.

Não manter aquele caderninho parecia ser a única coisa de que se arrependia. Ele passara a integrar a orquestra em 1927, abril de 1927, com dezessete anos, e Duke tivera de convencer a mãe dele a deixá-lo pegar a estrada em vez de voltar para a escola, adulando-a e apertando sua mão, sorrindo e dizendo “Isso mesmo, é claro, sra. Carney” a tudo o que ela dizia, sabendo que por fim sua vontade prevaleceria. Era evidente que, se Duke tivesse dito que aquilo significava que o rapaz passaria o resto da vida na estrada, as coisas poderiam não ter sido tão simples. Ainda assim, recordando todo o passado, praticamente não havia um momento ou um quilômetro que ele lamentasse — sobretudo no tempo em que ele e Duke iam assim, de carro, para os espetáculos. O mundo inteiro adorava Duke, mas quase ninguém o conhecia de verdade. Com o passar dos anos, ele viera a conhecer Duke melhor do que qualquer um, e isso já teria sido pagamento suficiente — o dinheiro era quase um bônus...

— Como estamos, Harry?

— Vamos indo bem, Duke. Está com fome?

— Meu estômago está reclamando desde Rockford. E você?

— Estou bem. Guardei aquele frango assado que pegamos ontem de manhã.

— A esta altura ele deve estar muito gostoso, Harry.

— De qualquer jeito, daqui a pouco vamos parar para o café da manhã.

— Já?

— *Daqui a uns trezentos e poucos quilômetros.*

*Duke riu. Eles contavam o tempo em quilômetros, não em horas, e estavam tão acostumados a percorrer distâncias imensas que muitas vezes 150 quilômetros eram o trajeto que percorriam entre a vontade de urinar e parar para fazer isso. Trezentos e poucos quilômetros costumavam mediar os primeiros sinais de fome e a efetiva parada para comer, e, até quando passavam pelo único lugar num raio de quarenta quilômetros, muitas vezes acabavam seguindo em frente. Parar era uma curtição tão ansiada que quase não se dispunham a fazê-lo: era um prazer que tinha de ser protegido indefinidamente.*

— *Me acorde quando a gente chegar lá — disse Duke, ajeitando o chapéu como um travesseiro, entre o canto do banco e a porta.*

Aquela era a hora calma do anoitecer, entre a gente do dia voltando do trabalho para casa e a gente da noite começando a chegar ao Birdland. De sua janela no hotel ele via a Broadway escurecer e tornar-se escorregadia sob uma chuva indecisa. Serviu-se de uma bebida, pôs uma pilha de discos de Sinatra no toca-discos... levou a mão ao telefone que não tocava mais e voltou à janela. Daí a pouco a vidraça embaçou por causa de sua respiração. Levando a mão à sua imagem borrada e refletida como se fosse um quadro, traçou com o dedo linhas molhadas em torno dos olhos, da boca e da cabeça, até ver aquilo se transformar numa caveira gotejante que ele apagou com a palma da mão.

Deitou-se na cama, causando apenas uma ligeira depressão no colchão macio, convencido de que era capaz de se sentir encolhendo, de estar se reduzindo a nada. Pelo chão se espalhavam pratos de comida que ele beliscara e pusera de lado. Comia um pouco disso, um pouco daquilo e voltava à janela. Embora comesse quase nada, ainda tinha suas preferências em matéria de comida: a cozinha chinesa era a sua favorita, era a comida que ele mais

deixava de comer. Durante muito tempo tinha vivido de leite desnatado e de biscoitos Cracker Jack, mas havia perdido o interesse até por isso. Quanto menos comia, mais bebia: conhaque Courvoisier, cerveja ou gim misturado com xerez. Bebia para diluir a si mesmo, para se adelgaçar ainda mais. Alguns dias antes cortara o dedo numa folha de papel e se sentira surpreso ao ver como seu sangue era vermelho e forte, pois esperara que fosse claro como gim, levemente estriado de vermelho, ou pálido, rosado. Naquele mesmo dia fora dispensado de uma temporada no Harlem por lhe faltarem forças para ficar de pé. Agora, até erguer o saxofone o deixava exausto, e ele tinha a sensação de que o instrumento era mais pesado que ele. Provavelmente achava o mesmo de suas roupas.

Por fim, Hawk trilhou o mesmo caminho. Foi Hawk quem levou o saxofone tenor para o jazz e definiu como deveria ser tocado: com um som corpulento, estentóreo, imponente. Ou o músico tocava como ele ou não era ninguém — e era exatamente isso o que as pessoas pensavam a respeito de Lester com seu sonzinho delicado e etéreo. Todo mundo mexia com ele, para que tocasse como Hawk ou passasse para o sax alto, mas ele dava um tapinha na cabeça e dizia:

— Tem coisas rolando aqui, cara. Alguns de vocês só têm barriga.

Quando faziam jam sessions juntos, Hawk tentava tudo o que sabia para superá-lo, mas nunca conseguiu. Em Kansas, em 1934, certa vez entraram pela manhã tocando. Hawk ficou só de camiseta, tentando derrubá-lo com aquele enorme tenor de furação, e Lester afundou numa cadeira, com seu olhar distante, seu som ainda delicado como uma aragem depois de tocar durante oito horas. Os dois esgotaram os pianistas, um depois do outro, e Hawk deixou o tablado, jogou o instrumento no banco traseiro



do carro e se mandou até St. Louis para uma apresentação naquela noite.

O som de Lester era tênue e preguiçoso, mas sempre continha, em algum lugar, algo de cortante. Era como se ele estivesse sempre prestes a começar a se soltar das amarras, sabendo que nunca faria isso: era daí que vinha a tensão. Ele tocava com o sax virado para um lado, e, à proporção que avançava num solo, o instrumento se afastava da vertical mais alguns graus, até ele passar a tocá-lo na horizontal, como se fosse uma flauta. Nunca se tinha a sensação de que ele estivesse levantando o saxofone. Era como se o sax se tornasse cada vez mais leve, flutuando e se afastando dele — e, se era isso que o sax queria fazer, não seria ele quem o puxaria para baixo.

Logo a alternativa ficou evidente: Pres ou Hawk — Lester Young ou Coleman Hawkins — dois estilos. Vendo-os ou escutando-os, não podiam parecer mais diferentes um do outro, mas acabaram do mesmo jeito: encharcados e consumidos. Hawk vivia à base de lentilhas, álcool e comida chinesa e definhava, da mesma forma que Pres vivia agora.

Ele estava desaparecendo, dissolvendo-se na tradição antes mesmo de estar morto. Tantos outros músicos o haviam imitado que não lhe restava mais nada. Agora, quando tocava, os admiradores diziam que ele claudicava atrás de si mesmo, fazendo uma pálida imitação daqueles que tocavam como ele. Numa noite em que se apresentara mal, um sujeito o abordou e lhe disse: “Você não é mais você, agora eu é que sou você”. Aonde quer que fosse, ouvia pessoas tocando como ele. Passou a chamar todo mundo de Pres, pois via a si mesmo em toda parte. Uma vez, tinha sido desligado da orquestra de Fletcher Henderson por não tocar como

Hawk. Agora estava sendo alijado de sua própria vida por não tocar como ele mesmo.

Ninguém era capaz de cantar uma música ou contar uma história ao saxofone como ele. O problema era que agora só sabia tocar uma única história — a história de que não era mais capaz de tocar, a história de que todo mundo estava contando a sua história em seu nome, a história de como ele terminara ali no Alvin Hotel, olhando pela janela para o Birdland, imaginando quando iria morrer. Era uma história que ele não entendia direito e na qual nem estava tão interessado assim, a não ser para dizer que ela havia começado com o Exército. Com o Exército ou com Basie, para terminar, porém, com o Exército. Dava no mesmo. Durante anos não dera a menor pelota para suas obrigações em relação ao serviço militar, confiando no zigue-zague que era o itinerário da orquestra para se manter cinco ou seis passos à frente dos militares. Certa noite, entretanto, quando já descia do tablado, um oficial com cara de mau e óculos de aviador abordou-o como se fosse um fã pedindo autógrafa e lhe entregou seus papéis de convocação.

Ao comparecer à junta de alistamento, estava tão debilitado que as paredes da sala tremiam de febre. Sentou-se diante de três oficiais de cara fechada, um dos quais em nenhum momento levantou os olhos das pastas que tinha à frente. Eram homens de cara angulosa que a cada manhã ofereciam o rosto à lâmina de barbear como se fossem botas a serem engraxadas. Exalando um perfume doce de colônia, Pres estendeu as longas pernas, assumindo uma posição tão próxima da horizontal quanto a cadeira dura permitia, dando a impressão de que a qualquer instante descansaria os sapatos elegantes na mesa diante dele. Suas respostas dançavam em torno das perguntas que lhe eram feitas, ao mesmo tempo sagazes e capciosas. Tirou um frasco metálico com gim de um bolso interno do jaquetão, e um dos oficiais o arrancou de

suas mãos, gritando, colérico, enquanto Pres, sereno e perplexo, acenava com a mão, lentamente:

— Ei, gente, vamos com calma, tem bastante para todo mundo.

Exames revelaram que ele tinha sífilis; estava bêbado, chapado, tão entupido de anfetaminas que seu coração tiquetaqueava como um relógio — porém de alguma forma foi aprovado nos exames médicos. Era como se estivessem decididos a abrir mão de tudo a fim de metê-lo no Exército.

Ser músico de jazz era produzir um som pessoal, descobrir um jeito de ser diferente de todo mundo, nunca tocar a mesma coisa duas noites seguidas. Já o Exército queria que as pessoas fossem as mesmas, idênticas, indistinguíveis, parecendo ser iguais, parecendo pensar igual, que tudo permanecesse igual dia após dia, que nada mudasse. Tudo tinha de apresentar ângulos retos e arestas nítidas. As dobras dos lençóis de sua cama tinham de ser precisas como os ângulos de metal de seu armário. Raspavam sua cabeça como um carpinteiro aplainando um bloco de madeira, tentando torná-lo absolutamente quadrado. Até os uniformes eram projetados para remodelar o corpo, tornar as pessoas quadradas. Nada curvo ou macio, nada de cores, nada de silêncio. Parecia quase inacreditável que no espaço de uma quinzena a mesma pessoa pudesse de repente dar consigo num mundo tão diferente.

Seu andar era negligente, arrastado, mas ali ele teria de marchar, percorrer o pátio em ordem-unida com coturnos pesados como uma bola de ferro e correntes. Marchar até seus pés ficarem quebradiços como vidro.

— Balance esses braços, Young. Balance esses braços.

Queriam ensinar *a ele* o que era balanço.

Ele detestava tudo que fosse duro, até mesmo sapatos com solas de couro. Apreciava coisas bonitas, flores e o perfume que

deixavam num cômodo, roupas de algodão macio ou de seda contra a pele, calçados que acarinhavam seus pés: chinelos, mocassins. Tivesse nascido trinta anos depois, teria tido gostos meio gays; trinta anos antes, teria sido um esteta. Na Paris oitocentista, poderia ter sido uma figura decadente *fin de siècle*, mas em vez disso ali estava ele, encajado no meio de um século, obrigado a virar soldado.

Quando despertou, o quarto estava tomado pela bruma verde de um anúncio luminoso que se acendera e ganhara vida enquanto ele dormia. Seu sono era tão leve que a rigor nem merecia o nome de sono, não passava de uma mudança no ritmo das coisas, em que tudo se distanciava de tudo. Acordado, ele às vezes se perguntava se não estaria dormitando, sonhando que estava ali, morrendo num quarto de hotel...

O saxofone se achava a seu lado, na cama. Numa cômoda posta ao lado da cama, servindo de criado-mudo, havia uma fotografia de seus pais, vidros de colônia e seu chapéu de copa cilíndrica. Ele tinha visto uma foto de moças vitorianas usando chapéus como aquele, dos quais pendiam fitas. Gostara deles e passara a usá-los desde então. Certa vez, Herman Leonard fora ao hotel para fotografá-lo, mas terminou deixando-o inteiramente fora da foto, preferindo fazer uma natureza-morta em que apareciam o chapéu, o estojo do saxofone e fumaça de cigarro subindo para o céu. Isso tinha sido muitos anos antes, mas a foto parecia uma premonição cujo cumprimento se avizinhava a cada dia que passava, à medida que ele se dissolvia e se fragmentava à vista de todos.

Ele rompeu o lacre de uma nova garrafa e voltou à janela, com um lado do rosto tingido de verde pela luz do anúncio luminoso. A chuva tinha cessado, e o céu estava limpo. Uma lua fria

começava sua ascensão sobre a rua. Músicos chegavam ao Birdland, cumprimentando-se e carregando estojos de instrumentos. Às vezes olhavam para sua janela, e ele ficava a imaginar se o veriam ali, limpando a condensação da vidraça com a mão.

Foi até o guarda-roupa, que só continha alguns ternos e camisas e vários cabides. Despiu as calças, pendurou-as com cuidado e deitou-se na cama de cuecas, vendo nas paredes, tingidas de verde pelo anúncio, as sombras projetadas pelos carros que passavam.

— Inspeção!

O tenente Ryan abriu com violência a porta de seu armário de aço, olhou dentro dele, bateu com o bastão — sua batuta, como Pres sempre se referia a ele — na foto afixada na parte interna da porta: o rosto sorridente de uma mulher.

— Este armário é seu, Young?

— Sim, senhor.

— E foi você que colou esta foto na porta, Young?

— Foi, sim, senhor.

— Alguma coisa chama a sua atenção nesta foto, Young?

— Sim, senhor, ela tem uma flor no cabelo.

— Nada mais?

— Senhor?

— Ela me parece uma branca, Young, uma moça branca.

Você também acha o mesmo?

— Sim, senhor.

— E você considera certo que um praça negro tenha a foto de uma branca no armário?

Os olhos dele se voltaram para o chão. Viram os coturnos de Ryan se aproximarem ainda mais dele, tocando os dedos de seus pés. Uma rajada de ar em suas narinas.